

A Representação da Figura do Nordestino e do Espaço Sertão em Filmes Brasileiros: Uma Análise Sobre as Discrepâncias Entre “Gonzaga, de Pai para Filho” e “Boi Neon”¹

Brenda Evaristo Reis Santos²
David Alves de Souza Neto³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Este estudo objetiva estimular a reflexão sobre a construção das representações nordestinas identificadas no cinema brasileiro, considerando crenças reducionistas que foram perpetuadas no imaginário popular ao longo do tempo. Através da análise fílmica do longa-metragem “Gonzaga, de Pai pra Filho” (2012) e de “Boi Neon” (2015), pretende-se responder se olhares distintos sobre o Nordeste (entre um diretor nordestino e um não nordestino) geram diferenças evidentes no tratamento do tema. Para tal, recorreremos a teóricos que discutem estes princípios: Albuquerque Júnior (2009; 2003), Castro (1992), Leal (1982), Paiva (1983) e Vasconcelos (2006).

PALAVRAS-CHAVE

Cinema; Nordeste; nordestino; estereótipos; filme.

1. INTRODUÇÃO

O termo "nordestino", segundo Albuquerque Jr. (2013), teve seus primeiros registros em 1919, quando mencionava o deputado do Ceará Ildefonso Albano. O regionalismo no Brasil, conforme explicado por Castro (1994), estava inicialmente ligado a questões provincianas e locais, com base em diferenças naturais, étnicas e geográficas.

Com o fim da escravidão e o início da industrialização, o cenário brasileiro muda significativamente, a partir da migração nordestina para o Sul e Sudeste do país. Este movimento econômico e social deu espaço para discussões sobre identidade, raça e nacionalidade. A região Nordeste, conforme emergia na paisagem imaginária do Brasil, tornava-se uma construção, uma "invenção" que se deu através de práticas, discursos e imagens "nordestinizantes", influenciadas pelas circunstâncias históricas e econômicas do país: “[...] o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 311).

Esta idealização do sertão nordestino marginalizado e a identidade regional nordestina foram fortalecidas por eventos como a decadência da economia açucareira, a seca de 1877-1879 e a relação de poder entre Norte e Sul. Estereótipos associados ao

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, email: bersantos.rti@uesc.br

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESC, email: dasouza.rti@uesc.br

nordestino surgiram, como tabaréu, violento e fanático, em contraponto à visão do sulista como educado, moderno e racional. Estas construções imagéticas e estereotipadas possibilitaram a ampla representação do nordestino e do sertão na arte, literatura, música, teatro, televisão, rádio e cinema. Diante deste contexto, o artigo propõe uma análise da representação do nordestino e do sertão em filmes brasileiros, comparando a obra de autoria não nordestina "Gonzaga, de Pai para Filho" (2012), dirigido por Breno Silveira, e um filme de autoria nordestina: "Boi Neon" (2015), dirigido por Gabriel Mascaro.

2. O CINEMA E O NORDESTE

O cinema brasileiro tem retratado o Nordeste do país desde a década de 1940. Durante as décadas de 60 e 70, o Cinema Novo abraçou a temática nordestina, como em *Vidas Secas* (1963) de Nelson Pereira dos Santos e "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964) de Glauber Rocha (LEAL, 1982).

Ao longo do tempo, o nordestino aparece muitas vezes associado a signos como a seca e a pobreza no cinema nacional. Também é apresentado como um homem forte e corajoso no audiovisual, capaz de enfrentar inúmeras mazelas. Para Paiva (2006), os filmes categorizam uma pluralidade de imagens, marcadas e reconhecidas por estereótipos fincados na discriminação econômica e política. O cinema brasileiro segue uma tendência da literatura brasileira de ilustrar o homem nordestino como um sertanejo, destacando o coronelismo, a fome, a virtude e a religiosidade.

Nesse viés, surge a necessidade de explorar de que maneira filmes produzidos por não nordestinos podem perpetuar estereótipos que atuam no imaginário dos brasileiros, realizando um comparativo em relação a um filme com direção nordestina. A primeira escolha para análise é "Gonzaga – de Pai pra Filho" (2012), do diretor Breno Silveira, natural de Brasília. O filme narra a história do relacionamento conflituoso entre Luiz Gonzaga (Land Vieira/ Nivaldo Expedito/ Adélio Lima), mais conhecido como o Rei do Baião, e seu filho, Gonzaguinha (Julio Andrade). Gonzaguinha era órfão de mãe e foi criado pelos padrinhos, enquanto Gonzagão saía em turnê pela estrada. O filho, então, cresceu revoltado com o pai devido a sua ausência. No entanto, quando a madrasta Helena (Magdale Alves) o procura e conta que seu pai precisa dele, Gonzaguinha viaja para a terra natal de Luiz Gonzaga. Ele encontra o pai, que começa a relatar sua história. A dupla

– em meio a desentendimentos – traça uma retrospectiva de suas vidas, marcadas por canções populares que contextualizam a narrativa.

2.1 O Sertão de “Gonzaga”

Baseada nas músicas de Luiz Gonzaga, a temática do sertão está marcadamente presente na obra (*Lá no meu pé de serra/ Deixei ficar meu coração/ Ai, que saudades tenho/ Eu vou voltar pro meu Sertão*⁴, canta Gonzaga). Com isso, entendemos que a partida do imigrante nordestino que foge de uma natureza hostil de seu sertão natal é uma imagem existente no imaginário do brasileiro. Enquanto a música assume uma função identitária, o sentimento de Gonzaga é de apreço pela sua terra, de saudade do sertão, de pertencimento e de conexão.

Figura 1 – Gonzaga tocando



Fonte: Globoplay

A imersão constante de Gonzaga em seu passado e memórias corroboram a ideia de Nordeste como um espaço de atraso. A região é retratada com imutável, um espaço sem modernidade e extremamente pobre.

Figura 2 – O sertão em Gonzaga, de Pai para Filho



Fonte: Globoplay

Albuquerque Jr. (2001) defende que as canções de Gonzaga associam o sertão à pureza ao mesmo tempo que a um lugar bárbaro, que recusa mudanças e que é de onde as pessoas partem em busca de melhores condições de vida. Inclusive, o personagem Gonzaga foi para o Sul em busca de uma nova perspectiva. Viajou com a ilusão de que

⁴ Canção “No Meu Pé de Serra” (1972), de Luiz Gonzaga.

alcançaria uma prosperidade imediata, crença recorrente relacionada ao chegar na “cidade grande”.

2.2 O Homem de “Gonzaga”

No processo de estereotipia do homem nordestino, esta personalidade foi eleita como um homem rude, embrutecido pela natureza, viril para resistir à seca e capaz de enfrentar todo tipo de dificuldade.

Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril [...] o nordestino é inventado como um tipo regional, como figura que seria capaz de se contrapor às transformações históricas em curso desde o começo do século, vistas como feminizadoras da sociedade e que levavam a região ao declínio. (ALBUQUERQUE JR, 2003, p.162-163)

Em uma das cenas, podemos perceber uma forte ideia patriarcalista quando Luiz não deixa sua primeira mulher trabalhar. Ele se vê como o homem da casa, que a ordena a mulher a ficar cuidando do lar e se coloca como único responsável pelo sustento da família. Em outra cena, a mãe de Luiz diz que não quer “filho tocador”, e sim que ele “ajude na enxada” para garantir o sustento da família. Mais uma vez, o nordestino é reduzido ao rótulo do homem másculo, provedor.

Agora, em contraponto, iremos analisar *Boi Neon* (2015), de Gabriel Mascaro, nascido e criado em Pernambuco. Trata-se da história de Iremar (Juliano Cazarré), um vaqueiro de curral do sertão de Pernambuco que produz roupas e tem o sonho de ser estilista. Intrigante que somente com essa única ideia sintetizadora, já é possível visualizar um cenário que provavelmente vai chocar-se com tudo que já foi observado no filme de *Gonzaga*. Iremar trabalha lidando com os bois em vaquejadas e preparando-os para os espetáculos; para isso, viaja de caminhão o lado de Galega (Maeve Jinkings), sua filha Geise (Samya de Lavar) e seus outros companheiros vaqueiros. Por onde passa Iremar recolhe revistas, panos e restos de manequins e desenha modelos de roupas, já que sua grande vontade é iniciar uma carreira como estilista no Pólo de Confecções do Agreste.

2.3 O Sertão de “Boi Neon”

Enquanto a trama acontece, o cenário ao fundo é o sertão nordestino – porém, não representado como o lugar árido, da seca, pobreza e miséria, e sim, meramente como um espaço rural. Nas poucas cenas em que a paisagem é contemplada em planos abertos, a imagem exibida é de uma natureza verde, rica e vasta.

Figura 3 – O sertão em Boi Neon



Fonte: Netflix

Logo na primeira cena do filme, Iremar é visto recolhendo um manequim em meio ao lamaçal da vaquejada. O que choca é a figura do sertanejo sendo associado à moda; o sertão, nesse contexto, existe como um plano de fundo, uma mera condição, um aspecto secundário.

Figura 4 – Iremar coletando o manequim



Fonte: Netflix

Não existe um sentimento de afeto e/ou vínculo de Iremar para com o sertão. Ainda, a vontade do vaqueiro não é de se mudar do sertão em busca de prosperidade no sudeste como foi a de Gonzaga, mas sim de trabalhar no próprio Pernambuco em um de seus pólos de confecções. Esta escolha do diretor valoriza a região como potência econômica.

2.4 *O Homem de “Boi Neon”*

A figura de Iremar engloba muitas subjetividades. Seus sonhos não representam o estereótipo do homem nordestino másculo, grosseiro, inculto e rústico. Além disso, a personagem feminina em maior evidência no filme, Galega, trabalha como caminhoneira (profissão muito associada ao universo masculino) e está longe dos papéis domésticos geralmente ligados às mulheres – enquanto a loira conserta o motor do caminhão, por

exemplo, Iremar lava e pendura as roupas. Nesse sentido, observamos uma quebra de papéis de gênero designados pela sociedade – ou, nas próprias palavras do diretor, existe uma “dilatação de gênero” (MASCARO, 2016).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinar "Gonzaga - de Pai para Filho", observamos uma narrativa que reforça estereótipos sobre o sertão e seus habitantes, destacando a figura de Luiz Gonzaga como um símbolo dessa identidade nordestina. Já "Boi Neon" oferece uma abordagem mais subversiva, desafiando os paradigmas associados ao Nordeste e ao homem nordestino. O filme retrata personagens que fogem das convenções difundidas e leva o público a refletir que reduzir um ser humano a um rótulo é empobrecer nossa riqueza e potencial.

Percebemos, então, que existe uma movimentação por parte do cineasta nordestino de compor novas representações acerca do Nordeste no cinema brasileiro, fugindo da discriminação econômica, política e social que afligem a região. Ao mesmo tempo, uma obra dirigida por um não nordestino aparenta reforçar concepções e estereótipos tão inadequados para serem atrelados à potência que é o Nordeste.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. d. . A invenção do Nordeste e outras artes. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. P. 1 -340.

ALBUQUERQUE JR, D. M. d. . Nordeste, uma invenção do falo, uma história do gênero masculino. Maceió: Catavento, 2003.

BOI NEON. Direção: Gabriel Mascaro. Produção: Desvia, Malbicho Cine, Viking Film e Canal Brasil. Brasil: Imovision, 2015. 1 DVD. (101 min).

CASTRO, I. E. . Visibilidade da Região e do Regionalismo. A escala brasileira em questão. In: Seminário internacional: Integração, região e regionalismo., 1994, São Paulo. Integração, região e regionalismo., 1992. p. 155-169.

GONZAGA, DE PAI PARA FILHO. Direção: Breno Silveira. Produção: Globo Filmes. Brasil: Warner Bros, Pictures, Downtown Filmes, 2012. 1 DVD. (120 min.)

LEAL, Wills. O Nordeste no Cinema. João Pessoa: Ed. Universitária/FUNAPE/UFPB, V.1. 1982.

MEIRELES, Aldalberto. Gabriel Mascaro: "Boi Neon é um filme sobre a transformação".2016. Disponível em: <<https://atarde.com.br/a-tarde->



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Natal/RN - 08 a 10/05/2024

[/cineinsite/gabriel-mascaro-boi-neon-e-um-filme-sobre-a-transformacao-748817>](#). Acesso em 5 de mar. De 2023.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes O Pagador de Promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2006.

VASCONCELOS, C. P. . A Construção da Imagem do Nordestino/Sertanejo Na Constituição da Identidade Nacional. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2, 2006, p. 1-13